

Eiji Yoshikawa

MUSASHI

VOLUME II

Tradução e notas de Leiko Gotoda

15ª edição



Estação Liberdade

Título original: *Miyamoto Musashi*

Copyright © 1971, Fumiko Yoshikawa

Copyright desta tradução © 1999, Editora Estação Liberdade Ltda.

Revisão Cláudia Cavalcanti e Armando Nei

Capa Antonio Kehl / Estação Liberdade

Ilustrações de capa e miolo Ayao Okamoto. Nanquim sobre papel, 1999

Editores Angel Bojadsen e Edilberto Fernando Verza

A EDIÇÃO DESTA OBRA CONTOU COM SUBSÍDIOS DOS PROGRAMAS
DE APOIO À TRADUÇÃO E À PUBLICAÇÃO DA FUNDAÇÃO JAPÃO

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Y63m

Yoshikawa, Eiji, 1892-1962

Musashi, volume II / Eiji Yoshikawa ; tradução e notas de Leiko Gotoda ;
prefácio de Edwin O. Reischauer. - 18. ed. - São Paulo : Estação Liberdade, 2025.
1.792 p. ; 23 cm.

Tradução de: Miyamoto Musashi

ISBN 978-85-7448-322-1

1. Miyamoto, Musashi, 1584-1645 - Ficção. 2. Ficção japonesa. I. Gotoda,
Leiko. II. Reischauer, Edwin O. III. Título.

25-96855.0

CDD: 895.63

CDU: 82-3(520)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

14/03/2025 20/03/2025

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

EDITORA ESTAÇÃO LIBERDADE LTDA.

Rua Dona Elisa, 116 — Barra Funda — 01155-030

São Paulo – SP — Tel.: (11) 3660 3180

www.estacaoliberalidade.com.br

SUMÁRIO

VOLUME II

- 915 O VENTO (2ª Parte)
- 917 PRECE POR UM MENINO MORTO
 - 931 UMA VACA LEITEIRA
 - 940 A BORBOLETA E O VENTO
 - 947 NA ESTRADA
 - 954 ALMAS GÊMEAS
 - 963 ADEUS À PRIMAVERA
 - 973 CACHOEIRAS CASADAS
- 983 O CÉU
- 985 O SANTO FUGEN
 - 993 O GUERREIRO DE KISO
 - 1007 PRESAS VENENOSAS
 - 1014 SOB AS ESTRELAS
 - 1022 LUZ MATERNA
 - 1036 PAIXÃO SAMURAICA
 - 1047 UM PRESENTE INESPERADO
 - 1062 QUEIMANDO VERMES
 - 1072 RUMO LESTE
 - 1078 BRINCANDO COM FOGO
 - 1091 O GAFANHOTO
 - 1100 OS PIONEIROS
 - 1110 O RIO DAS DISCÓRDIAS
 - 1121 LASCAS DE MADEIRA
 - 1132 A CORUJA
 - 1144 O VELÓRIO
 - 1155 O CÉU POR LIMITE
 - 1163 TAL MESTRE, TAL DISCÍPULO
 - 1170 A CHEGADA DOS BANDOLEIROS

- 1178 O EXTERMÍNIO
1190 A CHEGADA DA PRIMAVERA
1199 NA CIDADE DE EDO
1207 MOSCAS
1215 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE UMA ESPADA
1225 A RAPOSA
1236 IMAGEM SEMPRE PRESENTE
1241 CARTA URGENTE
1251 O SERMÃO DO FILHO INGRATO
1263 VERÃO SANGRENTO
1274 A DIFÍCIL ARTE DA ESCULTURA
1283 UMA ACADEMIA DESERTA
1290 ERVAS DANINHAS

1299 AS DUAS FORÇAS

- 1301 OPINIÃO UNÂNIME
1308 GRILOS EM ALVOROÇO
1318 A ÁGUA
1329 UM CAQUI VERDE
1339 UMA CASA NA CAMPINA
1350 QUATRO SÁBIOS E UMA LUZ
1363 A ÁRVORE-DOS-PAGODES
1372 A LADEIRA
1379 TADAAKI E AS CIRCUNSTÂNCIAS EM TORNO
DE SUA LOUCURA
1393 COMOVENTE TRANSITORIEDADE
1401 DUAS BAQUETAS
1409 A ESTIRPE DO MAL
1418 O FIM DO ESTILO YAEGAKI
1431 O RETORNO
1437 POTES DE LACA
1442 DISCÍPULOS DE UM MESMO MESTRE
1450 A CRISE
1461 A DOR DE UMA ROMÁ
1466 O MUNDO DOS SONHOS
1478 A VIDA DE UMA FLOR
1486 O RASTRO DA ÁGUA
1500 O PORTAL DA FAMA
1510 SOM CELESTIAL

1517 A HARMONIA FINAL

- 1519 ARAUTOS DA PRIMAVERA
1527 UM BOI EM DISPARADA
1535 UM GRÃO DE LINHO
1546 O PEREGRINO
1555 PEQUENOS GUERREIROS
1561 O SANTO DAINICHI
1568 UM GIRO HISTÓRICO
1576 O BARBANTE
1583 DOCE FLOR EXPOSTA À CHUVA
1599 O PORTO
1610 UM BANHO ESCALDANTE
1621 O CALÍGRAFO
1629 A CONCHA DA INÉRCIA
1637 REMOINHOS
1653 O CÍRCULO
1660 SHIKAMA
1669 NOTÍCIAS DE LONGE
1684 MISERICORDIOSA KANZEON
1694 CAMINHOS DA VIDA
1704 O BARCO NOTURNO
1715 O FALCÃO E A MULHER
1724 DOIS DIAS PARA O DUELO
1734 CONTERRÂNEOS
1748 AO RAIAR DO DIA
1755 VELHOS AMIGOS
1773 PROFUNDO MAR DESCONHECIDO

O VENTO

(2ª Parte)



PRECE POR UM MENINO MORTO

I

Estamos na face meridional do pico Shimei-ga-take do monte Eizan⁴⁶, de onde se avistam com facilidade os famosos torreões ocidentais e orientais do complexo religioso, assim como o rio Yokogawa e os vales do Iimuro. À distância, no mundo vil muito abaixo deste puro ambiente, corre em meio ao lixo e à poeira o extenso rio Okawa, envolto em fina névoa. Mas aqui, no templo Mudoji junto às nuvens, o silêncio reina sobre florestas e riachos, o frio retarda o desabrochar das plantas e inibe o canto dos pássaros sagrados.

— *Yobutsu-u'in... Yobutsu-u'em... Bupposoen... Chonen Kanzeon... Bonen Kanzeon...*

Os Dez Versos à deusa Kannon escapam de um aposento nas profundezas do templo Mudoji, nem em prece, nem declamados, muito mais num susurro involuntário.

Quem seria?

O tom do murmúrio eleva-se pouco a pouco para logo em seguida diminuir repentinamente: quem fala deixa-se arrebatar gradativamente, mas logo cai em si e baixa a voz.

O aprendiz do templo, um menino vestindo um quimono branco, vem por um longo corredor de lustrosas tábuas largas, pretas como breu. Transporta uma bandeja contendo uma refeição frugal⁴⁷, respeitosa e erguida com as mãos à altura dos olhos, e entra no aposento de onde provém o murmúrio.

— Senhor! — chamou o menino, depositando a bandeja num canto da sala.

— Senhor! — insistiu momentos depois, ajoelhando-se. O homem interpelado, porém, continuava de costas para ele, ligeiramente curvado para a frente, alheio à sua presença.

Dias atrás, alquebrado e coberto de sangue, esse homem — um samurai peregrino — havia surgido no templo apoiado à espada. Dito isso, o leitor será

46. Shimeidake (no original, Daishimei-no-mine): dois picos sobressaem na crista do monte Hieizan — também conhecido como Eizan — situado na fronteira entre o município de Kyoto e a província de Shiga: Daihei, a leste (848 m), e Shimeidake (839 m), a oeste, este último citado pelo autor. Hieizan, ou ainda Eizan, montanha que faz parte da cadeia Higashiyama, é famosa por nela terem existido quase três mil templos de monges guerreiros, impiedosamente exterminados numa única noite por Oda Nobunaga, irritado com a intromissão de tais monges na gestão política do país. Na época de Musashi, os monges tinham sido proibidos de imiscuir-se em atividades leigas e haviam retomado seus deveres religiosos.

47. Nos templos budistas, a refeição, sempre frugal, era servida uma única vez pela manhã, de acordo com os preceitos da religião.

capaz de adivinhar a identidade do samurai, pois descendo esse pico rumo a leste chega-se à vila Anatumura e à ladeira Shiratorizaka; rumo a oeste, o caminho leva diretamente à vila Shirakawa e à senda Shugaku-in, onde se ergue o pinheiro solitário.

— Senhor, trouxe-lhe a refeição. Vou deixá-la neste canto — disse o aprendiz uma vez mais.

Só então Musashi pareceu perceber:

— Ah... a refeição! — Aprumou-se, voltou a cabeça e viu o menino e a bandeja. — Agradeço a gentileza.

Voltou-se então inteiramente e sentou-se com formalidade.

Sobre seus joelhos havia lascas de madeira. Minúsculas aparas espalhavam-se também pelo *tatami* e pela varanda. Um perfume suave, talvez de mirra, parecia emanar das lascas.

— Vai almoçar agora, senhor?

— Vou.

— Deixe-me servi-lo, nesse caso.

— Aceito. Muito obrigado.

Musashi recebeu a tigela e iniciou sua refeição. Enquanto isso, o pequeno aprendiz contemplava fixamente o toco de aproximadamente quinze centímetros que Musashi acabava de depositar a seu lado, bem como a adaga brilhante quase oculta às suas costas.

— O que está esculpindo, senhor?

— Uma imagem santa.

— De Amida-sama?⁴⁸

— Não. Tento esculpir a imagem de Kannon-sama, a deusa da misericórdia, mas desconheço a técnica e acabo esculpindo meus próprios dedos. Veja! — disse Musashi, estendendo a mão e mostrando ao aprendiz os cortes nos dedos.

O menino, porém, franziu o cenho muito mais impressionado com a bandagem branca envolvendo o cotovelo de Musashi e que aparecia pela boca da manga.

— Como estão os ferimentos em suas pernas e braços, senhor?

— Já melhoraram bastante, graças aos cuidados que me têm dispensado. Transmita meus agradecimentos ao abade, por favor.

— Se o senhor quer esculpir a deusa Kannon, deveria visitar o santuário central, onde existem alguns bons trabalhos de escultores famosos. Quer que o conduza até lá depois da refeição?

— Gostaria muito, mas... a que distância fica o santuário central?

48. Amida-sama: Amitabha, santo budista.

II

— Cerca de um quilômetro daqui, senhor — respondeu o menino.

— Ah, é bem perto.

Assim, terminada a refeição e disposto a acompanhar o pequeno aprendiz até o santuário central no torreão leste, Musashi saiu do templo pela primeira vez em dez dias e pisou a área externa.

Imaginara estar totalmente curado, mas ao pôr os pés no chão e andar de fato, sentiu que o corte no pé esquerdo ainda doía. O ferimento no braço, além disso, passou a arder em virtude do cortante vento da montanha.

Tangidas pelo vento frio que sibilava nas copas das árvores, pétalas de cerejeiras esvoaçavam lembrando flocos de neve. Embora o frio ainda fosse intenso, o verão já se anunciava nas cores do céu. Musashi sentiu brotar dentro de si, subitamente, uma irreprimível energia fortalecendo-lhe os músculos numa reação semelhante à das plantas cheias de rebentos ao seu redor.

— O senhor — disse o pequeno aprendiz naquele instante, erguendo o rosto e fitando Musashi — é estudante de artes marciais, não é?

— Isso mesmo.

— E para que esculpe a deusa Kannon?

— ...

— Por que perde tempo esculpindo a deusa, em vez de praticar esgrima?

— ...

Crianças são capazes de tocar questões cruciais com suas ingênuas perguntas, vez ou outra.

Musashi contraiu o cenho. Sua fisionomia mostrava que a pergunta lhe doía muito mais que os ferimentos nos braços e nas pernas. Pior que tudo, o aprendiz parecia ter treze ou quatorze anos: no porte e na idade, lembrava o pequeno Genjiro, morto por ele mal a refrega tivera início em torno do pinheiro solitário.

Naquele dia... quantos teriam tombado sob a sua espada?

Nem hoje Musashi conseguia lembrar-se claramente de que forma usara a espada, ou como lograra escapar daquele inferno. Apesar disso, uma única imagem recorria com dolorosa nitidez desde aquela fatídica manhã, mesmo em sonhos: a do pequeno Genjiro, o representante dos Yoshika, gritando sob o pinheiro solitário: “Tenho medo!”, e de seu frágil corpo desfigurado tombando em meio às lascas da árvore.

Naquele momento, Musashi havia matado o pequeno Genjiro sem hesitar porque tinha uma convicção: a de que não podia dar-se ao luxo de sentir pena. Mas eis que se descobria vivo depois da chacina, e se perguntava arrependido: “Por que tive de matá-lo?”

Por que chegar a esse extremo? — censurava-se agora, odiando o próprio feito implacável.

Certo dia, escrevera num diário uma promessa: “De nada me arrependerei, jamais.” Mas com relação a esse particular episódio, rememorar a promessa para tentar reasssegurar-se não surtia o efeito desejado: seu coração contraía-se de dor e amargura.

Era o caráter absoluto da espada que o obrigava a enfrentar tanta provação. A constatação o fez sentir que o mundo era por demais árido, e seu caminho, desumano.

“Desisto?”, chegou a pensar.

Mormente nesses últimos dias — em que vivera enfurnado na montanha sagrada, purgara corpo e alma mergulhado em sons que lembravam o límpido trinado de um *Kalavinka*⁴⁹ e despertara da embriaguez do sangue — brotava de seu íntimo, irreprimível, uma prece pela alma do menino morto.

E assim, enquanto se recobrava dos ferimentos, ele havia começado a esculpir a imagem da deusa Kannon. O gesto, mais que um ritual em memória do menino morto, era uma prece pela própria alma acabrunhada.

III

— Nesse caso — disse Musashi ao pequeno aprendiz, finalmente encontrando a resposta — o que acha você das diversas imagens de Buda esculpidas por santos sábios como Genshin Sozu, ou Kobo Daishi, existentes nesta montanha sagrada?

— É verdade! Pensando bem... acho que houve monges famosos que também se dedicaram à pintura e à escultura — disse o menino inclinando ligeiramente a cabeça e concordando a contragosto.

— Portanto, quando um espadachim se dedica à escultura, está se empenhando em elevar o espírito, assim como um monge, ao empunhar uma lâmina e esculpir uma imagem santa em estado de autoanulação, está procurando aproximar seu espírito ao do santo que esculpe. O mesmo espírito norteia os que pintam, ou se dedicam à caligrafia. A meta de todos é atingir a lua, mas muitos são os caminhos que conduzem ao cume da montanha. Alguns se perdem em meandros, ou tentam novos caminhos: todos, porém os trilham procurando chegar o mais perto possível da serena perfeição de Buda.

— ...

49. No original, *karyobinka*: pássaro imaginário de trinhar suave mencionado em sutras budistas, e que habitaria o paraíso e os cumes das montanhas nevadas.

A conversa, descambando para o lado filosófico, deixou de interessar o pequeno aprendiz que, correndo na frente, acercou-se de um marco de pedra.

— Senhor, disseram-me que as palavras neste memorial foram escritas por um bonzo de nome Jichin — observou, apontando a pedra e reassumindo o papel de guia.

Musashi aproximou-se e leu as palavras quase ocultas pelo musgo:

*Antevejo um tempo que célere se aproxima,
Dias em que exauridas estarão as águas
Dos sagrados ensinamentos de Buda.
E minha alma confrangida estremece,
Ao frio vento que varre o cume do monte Hie.*

Musashi permaneceu imóvel por algum tempo, contemplando o marco. A lápide coberta de musgo parecia conter uma formidável profecia. Pois esse tempo havia chegado. Oda Nobunaga, vândalo e simultaneamente hábil administrador, baixara com rigor pesado malho sobre os templos daquela montanha, destruindo-os uma vez para reconstruir das cinzas uma nova ordem. Desde então, os monges haviam sido banidos do cenário político e tido seus privilégios cassados⁵⁰, estando nos últimos tempos inclinados a retornar ao puro caminho da luz prescrito por Buda. A calma e o silêncio pareciam ter voltado a reinar sobre aqueles cumes, mas Musashi ouvira dizer que, mesmo agora, as cinzas da rebelião ainda fumegavam no seio da comunidade religiosa, indicando que persistia nesse meio a vontade de exercer uma vez mais o poder religioso como instrumento para dominar o mundo. Tanto assim que a escolha do superior do templo gerava rivalidades no seio da comunidade religiosa, provocando contínuas maquinações e disputas.

A montanha sagrada, que devia existir para salvar a alma do povo, era agora, pelo contrário, mantida por um regime de donativos por esse mesmo povo a quem devia salvar. Contemplando a lápide silenciosa e pensando na situação atual, Musashi não pôde deixar de compreender a natureza profética daqueles versos.

— Vamos, senhor!— disse o pequeno aprendiz afastando-se alguns passos.

Nesse instante, alguém às suas costas lhe disse:

— Pequeno Seinen, aonde está levando o nosso hóspede?

Era o monge atendente do templo Mudoji, que se tinha aproximado correndo.

— Pensei em conduzi-lo ao santuário central.

50. O episódio é mencionado na nota de rodapé n.º 46.

— Para quê?

— Ele passa os dias tentando esculpir a imagem de Kannon-sama, mas me disse que não conhece a técnica correta. Convidei-o então a visitar o santuário central, onde existem algumas esculturas de Kannon-sama feitas por nossos antigos mestres...

— Isso não precisa ser feito agora, precisa?

— Bem, quanto a isso, não sei... — respondeu o menino, hesitante.

Musashi interveio de pronto:

— Desculpe-me se desviei o menino de suas muitas obrigações. A visita ao santuário central não precisa ser realizada neste instante. Por favor, leve-o em sua companhia.

— Engana-se. Vim aqui atrás do senhor, e não do menino. Se não se importa, gostaria que retornasse comigo — respondeu o monge atendente.

— Como? Veio me buscar?

— Sim, senhor. Sinto ter de estragar seu passeio.

— Alguém procura por mim?

— Disse a eles que o senhor se achava ausente, mas responderam-me que o viram há pouco nestas redondezas e exigiram de mim que o viesse buscar.

Intrigado, Musashi retornou.

IV

A arrogância e a arbitrariedade dos bonzos do monte Hiei haviam provocado seu completo banimento tanto do meio político como do guerreiro. As asas lhes haviam sido cortadas, era verdade, mas seu reduto nas montanhas permanecera incólume, ao que parecia. Muitos ainda se vestiam à moda antiga e perambulavam com seus tamancões altos, espadas de madeira à cintura e lanças sob o braço. “Uma vez rebelde, sempre rebelde” parecia ser o lema dessa classe.

Um grupo composto por aproximadamente dez desses bonzos aguardava Musashi no portão de entrada do templo Mudoji.

— Aí vem ele!

— É esse mesmo?

Os vultos em hábitos pretos e capuzes marrons sussurravam entre si, olhando na direção do grupo formado pelo pequeno aprendiz, Musashi e o monge atendente.

“Que poderão querer de mim?”, pensou Musashi, tentando adivinhar-lhes o pensamento. No caminho para lá, tinha sido informado pelo monge atendente que os homens à sua procura eram *doshu* do templo Sannou-in da

torre oriental, ou seja, bonzos agregados à biblioteca desse templo. Nenhum deles, porém, lhe pareceu familiar.

— Obrigado por ter ido buscá-lo. E agora, não preciso mais de você nem do menino: recolham-se os dois — disse um gigantesco bonzo, espantando-os com a ponta de sua lança.

Virou-se a seguir para Musashi e disse:

— Seu nome é Miyamoto Musashi?

Uma vez que seu interlocutor ignorava as boas maneiras, Musashi também se viu no direito de aprumar-se e responder com rispidez:

— Exato.

No mesmo instante, um velho bonzo adiantou-se e disse em tom pomposo, como se proclamasse um édito:

— O solo do monte Eizan é sagrado, suas terras são santas. Não acobertam indivíduos que, perseguidos e odiados no mundo em que vivem, procuram aqui se esconder, mormente elementos proscritos lutando por causas inúteis. Acabo de notificar o templo Mudoji que você é indesejado nesta montanha: ordene-lhe que parta imediatamente. Caso desobedeça, será castigado com rigor de acordo com o regulamento desta montanha.

Atônito, Musashi contemplou em silêncio o arrogante grupo.

Por quê? A atitude dos bonzos era suspeita. Dias atrás, quando Musashi a custo alcançara aquelas terras e solicitara abrigo junto ao templo Mudoji, a direção desse estabelecimento só concordara depois de solicitar o consentimento da administração central e de havê-lo obtido.

Algum motivo devia existir, portanto, por trás da súbita resolução de qualificá-lo como criminoso e expulsá-lo dali.

— Compreendi. Solicito um prazo até as primeiras horas de amanhã, pois tenho ainda de me preparar para a viagem e o dia hoje já chega ao fim — disse Musashi, acatando de um modo geral o que lhe era ordenado, para logo a seguir questionar incisivamente:

— No entanto, quero saber: essa ordem partiu das autoridades judiciais ou da administração central da montanha? Por que resolveram expulsar-me agora se há poucos dias, quando a direção do templo Mudoji os avisou sobre a minha chegada, vocês concordaram em me abrigar?

— Já que pergunta, faça-lhe o favor de responder — replicou o mesmo bonzo idoso. — A princípio, a administração central decidiu recebê-lo de braços abertos por ter ouvido dizer que você era o samurai que tinha lutado sozinho contra um bando de partidários da casa Yoshioka debaixo do pinheiro solitário. Mais tarde, porém, muitas informações negativas chegaram aos nossos ouvidos e, em consequência, resolvemos consensualmente expulsá-lo daqui.

— Informações negativas...

Musashi assentiu, agora compreendendo claramente a situação. Não lhe era difícil imaginar que a casa Yoshioka espalharia aos quatro ventos comentários venenosos com relação à sua pessoa.

De nada lhe adiantaria discutir com homens que acreditavam em boatos. Musashi então disse friamente:

— Compreendi. Não faço nenhuma objeção. Partirei amanhã bem cedo, impreterivelmente.

Deu-lhes as costas e dirigiu-se ao portão, disposto a entrar, quando ouviu:

— Miserável!

— Demônio!

— Cretino!

V

— Que disseram? — perguntou Musashi, parando imediatamente e voltando-se com agressividade para os bonzos.

— Você ouviu? Melhor ainda! — retorquiu um deles.

— Retirem o que disseram! Vejo que querem me provocar, mas prestem atenção: estou me retirando sem discutir apenas em respeito à ordem religiosa.

— Longe de nós a intenção de provocá-lo. Afinal, somos pacatos servos de Buda... As palavras, porém saltaram das nossas bocas, que se há de fazer!

No mesmo instante outros bonzos acudiram:

— É a voz do céu!

— O céu falou por nossas bocas!

Olhares de desprezo convergiram sobre Musashi, que se sentiu insuportavelmente humilhado. Provocavam-no, estava claro, mas conteve-se.

Os bonzos do monte Hiei tinham sido famosos pela língua afiada desde a Antiguidade, especialmente os arrogantes *doshu*, alunos de seminário de pouco saber e muita vontade de exhibir-se.

— Ora essa! A crer nos boatos da vila, você devia ser um samurai valente. Mas que vemos aqui? Um pobre coitado incapaz de falar, quanto mais de reagir aos insultos!

Musashi percebeu que seu silêncio afiava cada vez mais a língua dos bonzos e sentiu a paciência esgotar-se:

— O céu então falou por suas bocas? Expliquem-me o que querem dizer com isso!

— Ainda não entendeu? Você acaba de ouvir a voz da montanha sagrada! Compreendeu agora?

— Não!

— É bem provável, em se tratando de um indivíduo da sua laia. Você é digno de piedade. Mas espere e verá: as leis cármicas são implacáveis!

— ...

— Musashi: sua fama é péssima. Fique atento quando descer daqui e voltar ao mundo dos homens, pois algo muito desagradável poderá lhe acontecer.

— Nada do que os outros digam ou façam me interessa.

— Ah-ah! Fala como se a razão estivesse do seu lado!

— E está! Não agi com covardia! Perante os deuses e os homens, afirmo que nada fiz de que me possa envergonhar.

— Alto lá! Você agora está indo longe demais em suas afirmações.

— Quando foi que agi indignamente? Quais ações minhas foram covardes, digam-me? Juro por minha espada: a luta foi limpa, honesta.

— Olhem só! Fala como se tivesse realizado um grande feito!

— Falem o que quiserem de mim, não me importo. Mas não admito que espalhem boatos desabonadores com relação ao modo como uso minha espada!

— Nesse caso, vou-lhe fazer uma pergunta. Quero ver se consegue me dar uma resposta convincente. Tem razão, os Yoshioka eram muitos. Posso até admitir que admiro sua vitalidade, temeridade ou, digamos, insensatez de enfrentá-los sozinho até o fim. No entanto, e aqui vai a pergunta, para que matar uma criança de treze anos? Para que ser cruel a ponto de eliminar o menino Genjiro?

Musashi empalideceu visivelmente, mas permaneceu em silêncio.

— Seijuro, o herdeiro dos Yoshioka, escolheu a vida monástica e retirou-se do mundo depois que você o aleijou — continuou o mesmo bonzo. — Seu irmão mais novo, Denshichiro, caiu morto sob a sua espada; e o último a carregar o sangue Yoshioka era aquele menino, Genjiro! Liquidá-lo significou extinguir a linhagem! Por mais que seu ato tenha o amparo do código de honra dos samurais, isso foi excessivamente desumano. Miserável, demônio — você é tudo isso e muito mais! Neste nosso país, o verdadeiro samurai é comparado a flores de cerejeiras, que se vão à mais leve brisa, sem a menor relutância, em plena floração. Do mesmo modo que elas, o verdadeiro samurai despede-se da vida bravamente quando seu momento é chegado, não se agarra à vida a qualquer custo, como você!

VI

Musashi mantinha-se cabisbaixo e em silêncio. O bonzo continuou:

— A montanha sagrada voltou-se contra você porque esses detalhes vieram à luz. Por mais que compreendamos as demais circunstâncias, não podemos perdoar-lhe a maldade de incluir aquele menino na conta dos inimigos e matá-lo. Você está longe da imagem do verdadeiro samurai deste nosso país. Quanto mais bravo e ilustre o guerreiro, mais gentil e bondoso ele é, mais sensível se mostra à transitória beleza desta vida. A montanha sagrada o expulsa! Suma-se daqui o mais rápido possível!

Insultando e agredindo de todas as formas possíveis, os bonzos se foram.

Não fora por falta de respostas que Musashi se deixara ofender em silêncio.

“Agi certo, estou com a razão! Naquelas circunstâncias, não havia outra forma de expressar minhas convicções, as quais acredito serem totalmente corretas”, pensou. Não era uma justificativa, mas uma profissão de fé.

Por que matara o menino Genjiro? A resposta a essa pergunta era clara, definitiva: o menino tinha sido nomeado representante da casa Yoshioka, era o general das tropas inimigas, sua bandeira, seu símbolo.

Assim sendo, como poderia ele deixar de matá-lo? Havia ainda uma outra razão.

“Meus adversários eram mais de setenta. Se conseguisse eliminar dez, teria realizado um grande feito. Mas supondo-se que, lutando bravamente, conseguisse eliminar vinte, os cinquenta restantes ainda assim cantariam vitória. Para sair vencedor e evitar que isso acontecesse, eu tinha de eliminar em primeiro lugar o símbolo máximo da tropa inimiga, seu general. Se lograsse derrubar a bandeira inimiga — o símbolo ciosamente defendido por todos os meus adversários — isso faria de mim o vencedor, seria a prova da minha vitória, mesmo que mais tarde eu viesse a morrer lutando.”

Musashi tinha ainda muitos outros argumentos a seu favor, como, por exemplo, o caráter absoluto da espada e das leis que a regiam, mas acabara não respondendo a nenhuma das ofensas que os bonzos lhe haviam lançado no rosto.

E por quê? Porque apesar de acreditar firmemente em suas razões, ele próprio sentia amargura, tristeza e vergonha indizíveis.

“E se eu desistisse deste árduo caminho?”

Olhar vago, Musashi permaneceu em pé, imóvel à entrada do templo.

A tarde começava a cair e as pétalas brancas das cerejeiras continuavam a dançar indecisas ao vento. Tão indeciso quanto elas sentia-se Musashi, os fragmentos de sua férrea resolução parecendo esvoaçar ao seu redor.

“E viver o resto da minha vida com Otsu...”

Considerou o mundo despreocupado dos mercadores, de gente como Koetsu e Shoyu.

“Não!” Em largas e decididas passadas, seu vulto desapareceu no interior do templo.

Já havia uma luz acesa em seu aposento. Aquela seria a sua última noite ali.

Sentou-se perto da lamparina. “Vou terminar a escultura esta noite e deixá-la no templo. O valor artístico da obra não vem ao caso. Quero apenas que minhas preces alcancem a alma do morto”, decidiu.

Retomou a escultura da deusa Kannon e pôs-se a trabalhar, espalhando novas lascas.

Nesse instante, um vulto vindo de fora subiu para a varanda do templo, esgueirou-se com a lentidão de um gato preguiçoso e se agachou rente à porta do aposento.

VII

Pouco a pouco a luz da lamparina perdeu o brilho. Musashi espevitou-a, tornou a apanhar a adaga e a debruçar-se sobre a escultura.

A montanha sagrada repousava, imersa em profundo silêncio desde o entardecer. Apenas o rascar contínuo da adaga esculpindo a madeira soava debilmente, como passos na neve.

Os movimentos da lâmina absorviam por completo a atenção de Musashi, pois era de sua natureza abstrair-se de tudo ao dedicar-se a uma tarefa. Os versos murmurados à deusa Kannon aos poucos cresciam de intensidade involuntariamente, mas Musashi logo se dava conta disso, baixava a voz, espevitava a lamparina e dedicava-se *ittou-sanrai*⁵¹ à escultura.

“Finalmente!”

No momento em que distendeu o dorso, o grande sino da torre oriental anunciava a segunda hora noturna.

“Vou procurar o abade para despedir-me dele e aproveito para deixar a escultura aos seus cuidados”, decidiu-se.

A obra era tosca, mal acabada, mas nela Musashi tinha posto sua alma: ali estava o fruto de compungidas lágrimas e de sinceras preces pelo repouso eterno do menino. Ele iria deixá-la no templo para que a alma do pequeno Genjiro, assim como a profunda tristeza que lhe pesava no espírito nesse momento, pudessem ser lembradas em preces por muitos e muitos anos.

51. *Ittou-sanrai*: três reverências a cada golpe de goiva ou de adaga deve estar um artista preparado a fazer enquanto esculpe uma imagem santa.

Momentos depois, Musashi afastou-se do quarto levando a escultura consigo.

Passados instantes, o pequeno aprendiz entrou no aposento e varreu as lascas de madeira. Preparou a seguir as cobertas para que Musashi pudesse dormir, apanhou a vassoura e retirou-se para a cozinha.

E então, uma das portas corrediças do aposento deserto deslizou suavemente, entreabriu-se, e logo se fechou uma vez mais.

Instantes depois Musashi retornou ao quarto. Depositou à cabeceira do leito um sombreiro, um par de sandálias novas e miudezas para a viagem — com certeza presentes de despedida do abade —, apagou a lamparina e deitou-se.

As portas externas de madeira não haviam sido corridas, e o vento batia sobre o *shoji*. Iluminadas pelo luar, as translúcidas divisórias de papel sobresaiam acinzentadas, e sobre elas dançavam sombras de árvores em movimentos que lembravam o constante vai-e-vem das ondas do mar.

Logo, um ressonar tranquilo indicou que Musashi acabava de adormecer.

O sono aprofundou-se e a respiração tornou-se cada vez mais longa e pausada.

Foi então que a beira de um pequeno biombo deslocou-se ligeiramente e um vulto de costas curvadas como as de um gato esgueirou-se detrás, arrastando-se de joelhos.

De súbito, Musashi parou de rressonar. O vulto jogou-se sobre o *tatami* achatando-se contra ele, e imóvel, ficou avaliando a profundidade do sono, esperando cauteloso por um momento melhor.

Repentinamente, uma mancha negra pareceu esvoaçar, como se alguém tivesse lançado um pano preto sobre Musashi: o vulto agora debruçava-se sobre ele. No mesmo instante, uma voz rosnou:

— É agora que você me paga!

A ponta de uma espada curta surgiu golpeando com força o pescoço sobre o travesseiro. Um estrondo reboou no ar e, no mesmo instante, o vulto bateu contra o *shoji* lateral. O movimento tinha sido tão rápido que a espada não teve tempo de completar o movimento.

Lançado como uma trouxa contra a divisória, o vulto soltou apenas um guincho agudo e rolou para fora do aposento levando consigo a divisória, desaparecendo em seguida na escuridão.

No momento em que lançou o intruso contra o *shoji*, Musashi assustou-se com a sua leveza. O desconhecido pesava tanto quanto um gato! Além disso, tinha entrevisto cabelos brancos por baixo do capuz que lhe envolvia a cabeça.

Sem dar a menor importância a esses detalhes, no entanto, Musashi apanhou instantaneamente a espada à sua cabeceira, e saltou para o jardim, gritando:

— Alto! Veio visitar-me e vai-se embora sem me cumprimentar, estranho? Volte cá!

Correu então em largas passadas atrás dos passos que se ouviam no escuro. Não parecia porém muito empenhado em alcançar o fugitivo, pois logo parou, acompanhando com olhar sorridente a sombra encapuzada que aos trambolhões se espalhava no solo, uma lâmina brilhando em meio a ela no escuro.

VIII

A velha Osugi gemia estatelada no chão. Aparentemente, tinha caído de mau jeito ao ser lançada à distância. Percebeu que Musashi se aproximava, mas não conseguiu fugir, nem mesmo levantar-se.

— Ora, se não é a obaba...! — disse Musashi, soerguendo-a.

Parecia genuinamente surpreso ao se dar conta de que o intruso que planejara cortar-lhe o pescoço no sono não tinha sido nenhum dos discípulos da extinta academia Yoshioka ou dos arrogantes bonzos da montanha, mas a idosa mãe de Matahachi, seu velho amigo e conterrâneo.

— Ah, agora começo a compreender. Foi você a pessoa que se apresentou hoje no santuário central para falar do meu passado e me difamar, não foi? Os bonzos acreditariam piamente nas palavras de uma virtuosa anciã e se mostrariam solidários, é claro! Foi por causa de suas maquinações que eles resolveram me expulsar da montanha, e foram eles também que a conduziram até aqui, não é verdade?

— Ai, como dói! Musashi, reconheço que estou acabada. Os Hon'i-den não têm sorte na guerra: vamos, corte-me a cabeça! — disse a velha Osugi a custo, em agonia, debatendo-se sem parar, mas sem forças sequer para afastar as mãos de Musashi, que continuava a ampará-la.

A desastrada queda era em grande parte responsável pela sua atual debilidade. Contudo, Osugi não vinha passando bem havia algum tempo. Um resfriado mal curado, acompanhado de febre e dor nas pernas e quadris já a atormentara à época em que deixou para trás a hospedaria na ladeira Sannenzaka. Além disso, ela tinha sido abandonada por Matahachi a caminho do pinheiro solitário, fato que com certeza representara um grande choque para a anciã e ajudara a abalar-lhe ainda mais a saúde.

— Mate-me de uma vez! Corte-me o pescoço, vamos! — esbravejou ela,

Não era a fraqueza ou o desespero que a fazia esbravejar desse modo, e sim o reconhecimento de que não tinha outra saída, era a exteriorização franca da vontade de morrer o quanto antes.

Musashi, porém, lhe disse:

— Dói muito, obaba?... Onde? Fique tranquila: estou aqui e cuidarei de você.

Ergueu-a a seguir facilmente nos braços, carregou-a para dentro do aposento, depositou-a no meio de suas cobertas e velou por ela a noite inteira, sentado à sua cabeceira.

Mal o dia clareou, o pequeno aprendiz lhe trouxe o lanche encomendado na noite anterior e transmitiu-lhe as instruções da administração do templo Mudoji:

— Sentimos ter de apressá-lo — mandavam dizer os superiores — mas recebemos instruções rigorosas da administração central no sentido de fazê-lo partir destas montanhas o mais cedo possível.

Partir bem cedo tinha sido desde o início a intenção de Musashi, de modo que ultimou os preparativos com rapidez e começou a se erguer, quando se lembrou da anciã acamada. Sondou a direção do templo quanto à possibilidade de deixá-la aos cuidados deles, mas os monges não se mostraram receptivos à ideia. Contudo, prestimosamente sugeriram uma alternativa: um certo mercador tinha trazido algumas encomendas do templo no lombo de uma vaca, mas deixara o animal ali e se fora para Tanba para ultimar outros negócios. Que achava Musashi de transportar a anciã nas costas da vaca e descer até Outsū? Uma vez lá, ele poderia deixar o animal no cais ou em algum posto atacadista dessa região, propunham eles.

UMA VACA LEITEIRA

I

O caminho que percorre a crista do pico Shimei-ga-take e desce pelo meio das montanhas na direção de Shiga termina nos fundos do templo Miidera.

Obaba gemia baixinho no lombo da vaca: a dor parecia intensa. E na frente do animal, conduzindo-o, andava Musashi, rédeas na mão.

— Obaba... — chamou, voltando-se solícito. — Se a dor a incomoda, podemos descansar um pouco. Afinal, não estamos com pressa...

— ...

Prostrada no dorso da vaca, a velha Osugi não se dignou a responder. A obstinada anciã estava revoltada contra as circunstâncias que a obrigavam a aceitar favores do homem a quem jurara matar. O ressentimento era visível em seu semblante.

Quanto mais Musashi se mostrava solícito mais Osugi sentia no íntimo o rancor e o antagonismo crescerem.

“Não adianta mostrar-se compassivo, fedelho! Eu nunca deixarei de odiá-lo!”, continuava ela a pensar.

Apesar de tudo, o jovem não sentia especial rancor ou animosidade contra essa mulher que parecia viver apenas para tornar-lhe malditos os dias.

A razão disso talvez residisse na insignificância física da idosa mulher. Mas na verdade a velha Osugi, com seus raquíticos braços e seus feitos traiçoeiros, tinha sido, dentre todos os inimigos até hoje enfrentados por Musashi, a que mais lhe infligira sofrimentos. Ainda assim, ele não conseguia vê-la como uma inimiga real.

Nem por isso a anciã lhe era indiferente. Pelo contrário: em momentos como aquele da vila natal, quando fora maldosamente enganado, ou como o do templo Kiyomizudera, quando fora insultado e humilhado perante uma multidão, ou nas outras tantas vezes em que fora atraído ou impedido de atingir os objetivos em virtude dos ardis dessa megera, Musashi sentira ódio, ganas de cortá-la em pedacinhos. Mas na noite anterior, depois de quase ter sido decapitado por ela enquanto dormia, Musashi não sentira vontade, por motivos que nem ele compreendia direito, de deixar-se levar pela raiva, gritar “Megera maldita!”, e torcer-lhe de uma vez o pescoço fino e enrugado.

Talvez porque desta vez a velha Osugi lhe parecesse anormalmente desanimada. Ela não só gemia de dor sem parar por causa da desastrada queda da

noite anterior, como também dera descanso à língua viperina, fazendo com que Musashi sentisse pena e vontade de vê-la curada o mais rápido possível.

— Sei que não é cômodo viajar no lombo de uma vaca, obaba, mas chegando a Outsu teremos melhores recursos. Agunte-se um pouco mais. Não está com fome? Você não comeu nada esta manhã... Está com sede? Como? Ah... não quer nada! Entendi.

Caminhavam agora pela crista das montanhas. Desse trecho da estrada, descortinavam-se os quatro cantos da terra: as distantes serras mais ao norte, o lago Biwako, naturalmente, assim como a montanha Ibuki, e cada uma das oito maravilhas cênicas de Karasaki.⁵²

— Vamos parar um pouco. Desça da montaria e estenda-se por momentos sobre a relva, obaba — disse Musashi. Atou o boi a uma árvore e, tomando Osugi ao colo, ajudou-a a apear-se.

II

— Ai, ai, ai! — gemeu Osugi, rosto crispado, desvencilhando-se das mãos de Musashi e jogando-se de bruços sobre a relva.

“Pele terrosa e cabelos desgrenhados — esta velha é capaz de morrer se for abandonada à própria sorte”, pensou Musashi.

— Beba um pouco de água, obaba. E tente comer alguma coisa — insistiu ele compassivo, acariciando-lhe as costas. A teimosa mulher, porém, sacudiu a cabeça negativamente e recusou tudo que lhe era oferecido.

— E esta, agora... — murmurou Musashi, com ar perdido. — Você não tomou nem uma gota de água desde ontem, estamos longe de tudo e não trago remédios comigo. Desse jeito você adoecerá mais ainda. Faça-me um favor, obaba: coma ao menos a metade do meu lanche.

— Que coisa repugnante!

— Repugnante?

— Idiota! Posso cair morta num canto qualquer no extremo da terra e transformar-me em alimento de pássaros e feras, mas jamais comeria coisa alguma que me fosse dado por você, o homem a quem mais odeio neste mundo! E cale a boca! Você me enerva!

52. No original, Karasaki-no-hakkei (ou Oumi hakkei): oito paisagens conhecidas por sua beleza, ligadas a pontos cênicos existentes no extremo sul do lago Biwako, a saber: nevascas ao entardecer de Hira, barcos a vela retornando a Yabase, luar de outono sobre o monte Ishiyama, pôr do sol em Seta, sinos ao entardecer de Mii, revoada de gansos selvagens descendo sobre Katada, vista enevoadada de Awazu em dias de sol, Karasaki em noite de chuva.

Com um brusco repelão, Osugi livrou-se da mão que lhe acariciava as costas e agarrou-se com firmeza à relva.

Musashi não sentiu raiva: ele até a compreendia. Lamentava apenas não conseguir desfazer a visão distorcida da velha senhora, fazê-la perceber que não lhe queria mal.

Suportou-lhe a malcriadez com estoicismo, e, com infinita paciência, como se cuidasse da própria mãe enferma, procurou persuadi-la:

— Se continuar teimando desse jeito é capaz de morrer, o que seria uma pena, obaba, visto que você ainda não viu seu filho alcançar o sucesso. Concorda?

— Que papo bobo é esse? — rosnou a velha, arreganhando os lábios e mostrando os dentes, feroz. — Desde quando Matahachi precisa de alguém como você preocupando-se com ele? Meu filho achará o caminho do sucesso sozinho, sem a ajuda de ninguém!

— Eu também acredito nisso. E você tem de se restabelecer para que nós dois, juntos, possamos dar-lhe a força de que precisa!

— Musashi, o falso caridoso, o lobo na pele de cordeiro! Não sou ingênua a ponto esquecer meus propósitos levada por suas palavras doces! E cale-se, porque é inútil e você já está me cansando os ouvidos! — gritou Osugi, irredutível.

Insistir seria pior, percebeu Musashi. Levantou-se bruscamente e, deixando para trás a anciã e a montaria, sentou-se longe de suas vistas e desembrulhou o lanche.

Os bolinhos de arroz — recheados de escuro *miso* perfumado e embaçados em folhas de carvalho — eram saborosos. Como ele queria que Osugi partilhasse consigo esse prazer! Tornou a embrulhar alguns bolinhos nas folhas de carvalho e guardou-os, pensando em voltar a oferecê-los mais tarde.

Foi então que ouviu vozes partindo do lugar onde deixara a velha senhora.

Voltou-se, espiou por trás de uma rocha e viu uma mulher, aparentemente uma dona-de-casa local que devia estar de passagem por ali. Vestia um *hakama* preso nos tornozelos, semelhante às pantalonas usadas pelas vendedoras ambulantes da região de Ohara, e tinha os cabelos secos displicentemente enfeixados e caídos sobre os ombros.

— Escute vovó — dizia a mulher para Osugi. — Tenho uma hóspede doente em minha casa desde alguns dias atrás, sabe? Já melhorou um pouco, mas acho que se eu lhe der de beber o leite dessa vaca, ela vai sarar de uma vez. Você me deixa ordenhá-la? Por sorte, tenho comigo um cântaro bem jeitoso...

A voz da mulher chegava aguda aos ouvidos de Musashi.

Osugi ergueu a cabeça.

— Ora... eu também já ouvi dizer que leite de vaca tem o poder de curar enfermidades! Você acha que é capaz de ordenhar esta aqui? — perguntou a velha. Seus olhos brilhavam vivos, diferentes dos de quando falara com Musashi.

Ainda falando com Osugi, a mulher agachou-se sob a vaca e dedicou-se a espremer as tetas do animal, enchendo o cântaro de saquê com o líquido branco extraído.

III

— Obrigada, vovó! — agradeceu a mulher, rastejando e saindo de sob a vaca. Ajeitou cuidadosamente o cântaro com o leite ordenhado e preparou-se para partir.

— Espere um pouco, mulher! — deteve-a Osugi, erguendo a mão apressadamente. Examinou em seguida com atenção os arredores, mas não viu Musashi. Satisfeita enfim, voltou-se uma vez mais para a camponesa. — Você não me permitiria beber um pouco desse leite?

A voz, trêmula e rascante, parecia provir de uma garganta bastante ressecada.

— Com prazer — respondeu a mulher, entregando-lhe o cântaro. Osugi levou o gargalo à boca, fechou os olhos e bebeu. Um pouco do líquido branco escorreu pelo canto da boca e pelo peito, e caiu sobre a relva.

Quando sentiu o leite no estômago, Osugi parou para respirar, estremeceu e logo contraiu o rosto, quase vomitando:

— Ugh! Que gosto horrível! Mas acho que agora eu vou me recuperar.

— Você também está doente, vovó?

— O que eu tenho não é nada sério. Eu andava meio febril por causa de um resfriado, caí de mau jeito e me machuquei um pouco. Só isso.

Ainda explicando, Osugi ergueu-se sozinha. Sua aparência, nesse instante, nem de leve lembrava a mísera velhinha sofredora que gemia baixinho, sacudida sobre o lombo da vaca.

— Mulher! — sussurrou ela, aproximando-se enquanto examinava em torno com olhar penetrante. — Se eu seguir reto por esta estrada, aonde chegarei?

— No morro bem atrás do templo Miidera.

— Miidera, em Outsū? ... E não existe outro caminho secundário além deste?

— Até existe, mas... aonde quer ir, vovó?

— Não importa aonde! Eu apenas quero fugir das mãos de um certo bandido que me tem prisioneira.

— A quase meio quilômetro daqui existe uma vereda que leva para o norte. Se você descer sempre em frente por ela, vai sair entre Otsu e Sakamoto.

— Ah, é? — replicou a anciã, inquieta — Preste atenção: se alguém lhe perguntar por mim, diga que não sabe para onde fui.

Mal acabou de dizer, passou pela camponesa boquiaberta e afastou-se correndo, manquitolando como um louva-a-deus aleijado.

Musashi, que tinha acompanhado todos os acontecimentos escondido atrás da rocha, saiu em seguida do esconderijo com um sorriso nos lábios e também se pôs a caminho.

Logo alcançou a camponesa que carregava o cântaro de leite. Ao ser chamada por Musashi, a mulher imobilizou-se rigidamente e, antes ainda de ouvir qualquer pergunta, pareceu pronta a dizer que não sabia de nada.

Mas Musashi não perguntou por Osugi. Ele apenas disse:

— És por acaso a mulher de um lenhador, ou talvez de um lavrador destas cercanias?

— Quem, eu? Sou a dona de uma casa de chá pertinho daqui.

— Ah, tu tens uma dessas casas de descanso para viajantes, comuns em picos de montanhas!

— Isso mesmo.

— Melhor ainda. Que achas de levar um recado à cidade de Kyoto? Pagar-te-ei pelo trabalho.

— Posso ir, mas tenho uma hóspede doente lá em casa e...

— Vamos fazer o seguinte: eu levo esse leite à tua casa e espero lá mesmo pela resposta ao recado que vais levar. Se fores neste instante, estarás de volta antes de escurecer.

— Muito fácil, mas...

— Não te preocupes: não sou o bandido que a anciã descreveu há pouco. E asseguro-te que se ela já está tão boa a ponto de correr, como bem a vi fazendo, não vou mais preocupar-me: ela que siga o seu caminho... Vou escrever uma carta neste instante. Leve-a à mansão Karasumaru, em Kyoto. Espero a resposta na tua casa.

IV

Musashi retirou o pincel de seu estojo portátil e redigiu a carta. Era para Otsu.

— Faz-me o favor!— disse, entregando-a à mulher. Essa era uma carta que ele sempre tivera a intenção de remeter assim que lhe fosse possível, desde os dias em que convalescia no templo Mudoji.

Escarranchou-se então ele próprio no lombo da vaca e se deixou levar pelo animal os quase quinhentos metros que o separavam da casa de chá.

Repensou no bilhete simples que acabara de escrever e ficou imaginando a reação de Otsu ao recebê-lo.

— Estava certo de que nunca mais a veria! — murmurou.

Sorridente, ergueu o rosto para o céu, onde nuvens brancas e brilhantes se destacavam.

Musashi parecia feliz, e seu rosto erguido era a pura expressão da alegria, mais vibrante ainda que a dos demais seres cheios de vida a colorir a face da terra à espera do verão.

— Otsu talvez esteja ainda acamada, doente como me pareceu da última vez em que a vi. Mas quando receber o meu bilhete, ela há de vir correndo ao meu encontro em companhia de Joutaro...

A vaca farejava o mato e parava vez ou outra. Para Musashi, as pequenas flores-do-campo brancas que pontilhavam a relva pareciam estrelas caídas.

Por ora, a mente queria apenas girar em torno de pensamentos felizes, mas lembrou-se de chofre: “Por onde andará obaba?”

Seu olhar varreu o vale. “Espero que não esteja caída em algum canto, sofrendo sozinha...”, pensou, algo preocupado. A atitude complacente, os pensamentos felizes, tudo derivava desse seu momento de tranquilidade espiritual.

Musashi ficaria constringido se o bilhete caísse em mãos estranhas, mas tinha escrito para Otsu:

“Sobre a ponte Hanadabashi, você me esperou.

Agora, será minha vez de esperar.

Sigo na frente para Otsu e a aguardo na ponte Karahashi⁵³, de Seta, com a vaca que me serve de montaria presa ao corrimão.

E então, conversaremos.”

Repetiu diversas vezes as palavras do bilhete mentalmente, como se recitasse um poema, e já imaginava até o que conversariam quando se encontrassem.

Avistou nesse momento uma estalagem sobre a crista do pico.

“É ali!”, pensou.

Saltou do lombo da montaria quando chegou mais perto, levando na mão o cântaro de leite a ele confiado pela dona do estabelecimento.

53. Ponte Karahashi sobre o rio Seta: famosa ponte — provida de corrimão e de formato que lembra as da China — na província de Shiga. Porta de entrada da cidade de Kyoto para os viajantes que provêm do leste, era antigo e importante ponto de defesa dessa cidade.

— Boa tarde! — disse alto, ocupando um banco sob o alpendre. Uma velha que alimentava o fogo enquanto vigiava alguma coisa numa panela, veio atendê-lo e serviu-lhe um chá morno.

Musashi voltou-se para ela e explicou-lhe que cruzara com a dona da estalagem no caminho e que ele o incumbira de levar-lhe um recado. A idosa mulher talvez fosse surda, pois apesar de ter estado todo o tempo acenando em sinal de compreensão, perguntou quando Musashi lhe entregou o cântaro de leite:

— Que é isso?

Musashi tornou a explicar que se tratava do leite de uma vaca, ordenhado pela dona da estalagem para que fosse dado a um hóspede doente, e que seria melhor fazê-lo beber imediatamente.

— Isto é leite? Ah...! — exclamou a velha, ainda indecisa, segurando com ambas as mãos o cântaro. Logo pareceu decidir que não sabia lidar com a situação, e voltou-se para o interior do casebre para gritar:

— Ó moço! Ó moço do quarto dos fundos! Venha cá um instante, faça-me o favor! Eu aqui não sei o que fazer com isto!

V

Mas o moço convocado pela velha — e que pelo jeito se hospedava no quarto dos fundos da estalagem — estava nesse momento do lado de fora, atrás da casa, pois foi dessa área que lhes veio a resposta:

— Já vou!

Segundos depois, um homem surgiu por um dos lados da casa de chá, meteu a cabeça pela porta e espiou:

— Que quer, vovó? — disse.

A anciã logo passou-lhe o cântaro, mas o homem não parecia estar ouvindo nada do que a mulher lhe dizia, nem fazia menção de olhar o que havia dentro do pote. Estupefato, olhos presos no rosto de Musashi, parecia petrificado.

Musashi, por sua vez atônito, também conseguia apenas fitar de volta o homem à sua frente:

— E...ei! — exclamaram os dois quase ao mesmo tempo, adiantando-se, aproximando os rostos mutuamente.

— Mas... é você, Matahachi? — gritou Musashi.

Pois o homem em questão era Hon'i-den Matahachi, que ao ouvir a voz do velho amigo, também berrou, fora de si:

— Ora essa! É o Take-yan!

Ao notar que o amigo lhe estendia a mão, Matahachi o abraçou, esquecido do cântaro que segurava junto ao corpo.

O vasilhame foi ao chão, partiu-se, e o líquido branco atingiu a barra dos seus quimonos.

— Há quanto tempo não nos vemos?

— Desde... desde a batalha de Sekigahara! Nunca mais nos vimos, desde então!

— Isto quer dizer...

— ...cinco anos! Este ano faço 22 anos!

— E eu também!

— É verdade! Somos da mesma idade!

Um aroma adocicado subiu do leite derramado e envolveu os dois jovens, que continuavam abraçados. O cheiro talvez estivesse revivendo em suas memórias os velhos dias da infância.

— Você tornou-se famoso, Take-yan! Aliás, já não faz sentido chamá-lo assim hoje em dia, de modo que vou também passar a chamá-lo de Musashi. Ouvei falar muito do recente episódio do pinheiro solitário, assim como dos outros em que você se envolveu.

— Ora, desse jeito você me constrange! Não passo de um novato inexperiente. Meus adversários é que são despreparados. Mas... diga-me, Matahachi: é você o hóspede de que me falou a dona deste estabelecimento?

— Hum! Na verdade, parti de Kyoto e me dirigia à cidade de Edo, mas certas circunstâncias me retiveram neste lugar. Aqui estou há cerca de dez dias.

— E quem é que está doente?

— Doente? — repetiu Matahachi levemente aturdido. — Ah, é a pessoa em minha companhia.

— Agora entendi. De qualquer modo, fico muito feliz em vê-lo gozando boa saúde. Por falar nisso, recebi há muito tempo uma carta sua por intermédio de Joutaro: eu estava na estrada Yamato, a caminho de Nara.

— ...

Matahachi silenciou repentinamente e desviou o olhar. Tinha perdido a coragem de encarar o amigo ao lembrar-se de que não cumprira nenhuma das grandiosas promessas feitas naquela carta.

Musashi pousou a mão sobre o ombro do companheiro de infância. Sentia apenas uma onda de afeto por ele avolumando-se no peito.

Nem lhe passava pela cabeça pensar na grande diferença, do ponto de vista humano, que se estabelecera entre os dois no decorrer desses anos. Desejava apenas poder conversar com Matahachi francamente, com toda a calma, e para isso a oportunidade era boa.

— Quem é essa pessoa que está em sua companhia, Matahachi?

— Ora... ninguém especial. Apenas...

— Nesse caso, venha comigo por alguns instantes aqui fora. Não convém continuarmos ocupando os bancos da casa de chá por muito tempo. Estamos atrapalhando.

— Vamos. Eu o acompanho.

Ao que parecia Matahachi esperava pelo convite, pois foi rapidamente para fora.